Queer as Folk: Um Dialógo entre os Movimentos LGBTT e a Teoria *Queer*[1]

Erivaldo Francisco dos Santos Júnior[2]
Monique Cristine Garcez Barros[3]
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Resumo

O artigo tem como proposta analisar a principais temáticas abordadas na primeira temporada do seriado norte-americano *Queer as Folk* (Os Assumidos), primeira série de cunho, exclusivamente, homossexual, enquadrando-as entre os parâmetros dos Movimentos LGBTT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) brasileiros e a Teoria Queer, para com isso demonstrar a possibilidade de se ter abordagem midiática que dialogue com as variadas facetas que existem dentro do "universo" da homossexualidade, além de trazer uma breve discussão sobre a representação dos homossexuais na mídia.

Palavras-chave: *Queer as Folk*; Movimentos LGBTT; Teoria *Queer*; homossexualidade; seriado.

Introdução

O presente artigo tem como finalidade analisar a primeira temporada do seriado *Queer as Folk* (Os assumidos), mediante a abordagem de temas relacionados à homossexualidade, e situá-lo entre os parâmetros dos Movimentos Sociais LGBTT, do Brasil, e da Teoria *Queer*. Para o desenvolvimento do trabalho foi escolhido os principais temas abordados na série, que permeou a temporada inicial de duração, para que pudesse ser enquadrada na teoria.

Produzido pelo canal televisivo por assinatura dos Estados Unidos, o seriado *Queer as Folk* teve sua estréia internacional no ano 2000. Baseado na série britânica de mesmo nome, criada por Russel T. Davies, que não teve grande sucesso e durou apenas duas temporadas, foi veiculada no Brasil pelo canal *Eurochannel*. A versão norte-americana

[1] Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação Audiovisual da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Computação. Orientado por João Dantas dos Anjos Neto, professor do Departamento de Comunicação da Universidade Federal de Sergipe (UFS), email: joaodantas@hotmail.com.

[2] Aluno do 7º período de Jornalismo na Universidade Federal de Sergipe (UFS), email: jrjuniorkd@yahoo.com.br

[3] Aluna do 7º período de Jornalismo na Universidade Federal de Sergipe (UFS), email: moniquegarcez1@gmail.com

transmitida aqui no país a partir de 2001, pelo Cinemax, na faixa de horário da meia noite, teve a duração de cinco temporadas e se diferenciou da primeira por conter mais cenas de nudez e sexo, e por não ser exibida em uma emissora aberta.

> O que diferencia Os Assumidos de outros seriados que possuem entre suas personagens homossexuais, é uma nova disposição em relação à forma de representá-los. Primeiro, o seriado foi pensado para o público gay, para levar para as telas de veículo massivo, a televisão, o estilo de vida e as relações vivenciadas no cotidiano, que envolvem família, trabalho, doenças, relacionamentos amorosos, etc (ZANFORLIN, 2004).

A trama do seriado se passa na cidade de *Pittsburg*, em um fictício gueto denominado da Avenida *Liberty*, que serve como ponto de encontro homossexual entre cafés, restaurantes, academia e lojas. O centro da série gira em torno do grupo de amigos, todos homossexuais, Brian, Michael, Emmet, Ted e Justin, com enfoque nas suas relações familiares, amorosas e de trabalho. Conta ainda com a participação de personagens secundários como o casal de lésbicas Lindsay e Melanie, a mãe e o tio de Michel – Debbie e Vic, e a amiga de Justin, Daphne. Durante o desenrolar da temporada inicial surgem mais personagens, de pequena ou longa permanência no decorrer dos episódios, que se atrelam ao desenvolvimento das abordagens de temáticas como a adoção de crianças, entraves judiciais para com os direitos dos homossexuais, relacionamento com um HIV positivo, entre outras.

A escolha de analisar a primeira temporada da série se deve ao fato desta possuir uma grande quantidade de episódios, que abordam temáticas que podem ser enquadrados no objeto de estudo do artigo, bem como da disponibilidade, na íntegra, dos mesmos no arquivo pessoal de vídeo do autor. Os temas abordados no decorrer da primeira fase do seriado foram escolhidos através da Análise de Conteúdo, mediante os temas que foram exibidos durante os capítulos da série, através destes foi possível classificá-los dentro das reivindicações e dos parâmetros que servem como base para os Movimentos LGBTT, ênfase nos nacionais, e para a Teoria *Queer*. O primeiro tem interesse de que os direitos humanos sejam garantidos aos sujeitos que representam (DUQUE, 2009, p. 2), já "os estudos *queer* atacam uma repronarratividade e uma reproideologia, bases de uma heteronarmatividade homofóbica, ao naturalizar a assoicação entre heterossexualidade e reprodução" (LOPES, 2002, p. 24). Para uma melhor compreensão do enquadramento dos temas nas duas vertentes, faremos uma breve explanação acerca de cada uma.

Metodologia

A metodologia aplica a este artigo é resultante de uma abordagem mista entre os procedimentos da análise de conteúdo e do discurso (linha francesa), visando desvendar os mecanismos e processos decisórios de inclusão e exclusão de informações e pontos de vista que caracterizam a produção audiovisual.

Segundo Heloiza Herscovitz (2008, p. 126), a Análise de Conteúdo se define como:

> (...) método de pesquisa que recolhe e analisa textos, sons, símbolos e imagens, impressas, gravadas ou veiculadas em forma eletrônica ou digital encontrados na mídia a partir de uma amostra aleatória ou não dos objetos estudados com o objetivo de fazer inferências sobre seus conteúdos e formatos enquadrando-os em categorias previamente testadas, mutuamente exclusivas e passíveis de replicação.

Primeiramente buscou-se o acesso a matéria-prima, na íntegra, do objeto estudado, depois foi selecionada a temporada que mais consegue abranger temáticas relacionadas ao foco do estudo, observando, também, os enquadramentos que lhes atribuem sentido conforme o decorrer da narrativa.

Segundo Shoemaker e Reese (1996, apud HERSCOVITZ, 2008, p. 124) a análise de conteúdo da mídia nos ajuda a "estabelecer alguns parâmetros culturais implícitos e a lógica organizacional por trás das mensagens".

> Os pesquisadores que utilizam a análise de conteúdo são como detetives em busca de pistas que desvendem os significados aparentes e/ou implícitos dos signos e narrativas jornalísticas, expondo tendências, conflitos, interesses, ambiguidades ou ideologias presentes nos materiais examinados (HERSCOVITZ, 2008, p. 127).

Os Movimentos LGBTT

Em meados de 1924, começaram a surgir os primeiros grupos de homossexuais organizados que lutavam contra uma rede de opressão médica que alegava ser o homossexualismo uma doença.

> Conhecidos como organizações homófilas, estes grupos, que discretamente trabalhavam para educar o público a respeito da homossexualidade e para oferecer apoio aos indivíduos homossexuais, perduraram durante as décadas de 50 e 60 (CHASIN, 2000). Só no final dos anos 60, no entanto, como o surgimento do movimento feminista, é que se começou a questionar a normalidade heterossexual (JACOBS, 1997). O movimento homossexual que se desenvolveu a partir de então preferiu outra linguagem para expressar uma abordagem mais radical e politizada, rejeitando o termo homófilo, que caiu em desuso (NUNAN, 2003, p. 104).

Um ano marco no contexto histórico dos movimentos LGBTT foi o de 1969, mais precisamente o dia 28 de junho, que ficou conhecido como o dia da Rebelião de *Stonewall*. A invasão da polícia, com a alegação do descumprimento das leis sobre a venda de bebidas alcoólicas, ao bar chamado de *Stonewall Inn*, localizado em uma área conhecida como um

gueto homossexual de Nova York provocou uma revolta dos freqüentadores gays do local e acabou desencadeando uma confusão que alardeou na imprensa e na cidade, passando a ser de conhecimento mundial tempos depois.

> O que era pra ser simplesmente uma ação policial rotineira, suscitou uma reação inédita. Os freqüentadores do bar reagiram e começou uma batalha que durou o fim de semana inteiro. Gritava-se palavras de ordem como "Poder Gay", "Sou bicha e me orgulho disso", "Eu gosto de rapazes" etc. Pouco depois a Frente de Libertação Gay lançou seu jornal, *Come Out* (Assuma-se) e decretou-se a data de 28 de julho "Dia de Orgulho Gay", em comemoração deste "mito de origem" (FRY, Peter e MACRAE, Edward, 1985, p. 96-97).

Mediante tal acontecimento, houve uma crescente no número de movimentos de grupos homossexuais baseados em idéias liberais que reivindicavam direitos de demonstrar sua homossexualidade, realçando o desenvolvimento de uma identidade gay. "O surgimento do movimento gay é importante no sentido de que ele está intimamente relacionado ao desenvolvimento de uma identidade homossexual coletiva positiva" (NUNAN, 2003, p.107).

No Brasil, a oficialização dos movimentos LGBTT só veio acontecer cerca de 10 anos depois da rebelião de *Stonewall*, em meados dos anos 80, com a disseminação do vírus do HIV e a série de mudanças políticas.

> Apenas na década de 90, após a crise inicial da AIDS ter amainado e o processo de redemocratização estar mais seguro, é que o movimento homossexual brasileiro ganhou força. Organizações como o *Grupo Arco-Íris de Conscientização Homossexual* (criado no Rio de Janeiro em 1993) surgiram, e o movimento aos poucos se constituiu em torno da noção de identidade gay, já corrente nos Estados Unidos. Em 1995 fundou-se a *Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis* (ABGLT), procurando coordenar ações em todo o país. Nesse mesmo ano a cidade do Rio de Janeiro sediou a 17ª Conferência da *Associação Internacional de Gays e Lésbicas* (ILGA) (NUNAN, 2003, p.110).

Os movimentos homossexuais no Brasil têm o enfoque voltado mais para o âmbito político, lutam para aprovação de leis, entre elas, como a contra discriminação e violência, em destaque o atuante Grupo Gay da Bahia que faz com que políticos ligados à causa e ativistas gays lutem por direitos humanos relacionados à diversidade sexual. "Além dos ganhos políticos, estas organizações também têm tido um papel fundamental na construção da noção de comunidade gay, favorecendo um amplo espaço social de interação social para muitos homossexuais" (NUNAN, 2003, p. 111).

Um dos mais importantes referenciais de mobilização dos movimentos homossexuais no país é a Parada do Orgulho LGBT, realizadas em torno de 205 em todo o país, segundo a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e

Transexuais (ABGLT). Vistas como uma oportunidade de visibilidade para a comunidade GLBTT tem um grande impacto político na luta pelos direitos homossexuais no país (NUNAN, 2003, p. 111).

No país, após a luta incessante de movimentos foram aprovadas leis de antidisciminação em alguns estados brasileiros. Santa Catarina, Rio Grande do Sul, São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Mato Grosso do Sul, Bahia e Distrito Federal têm leis que penalizam a homofobia (TAQUES, Fernando José, 2007, p. 100). Além de alguns projetos de lei que esperam votação na Câmara dos Deputados, como a lei de união civil homossexual, tendo a "Bancada Evangélica" como um forte empecilho.

> Os brasileiros parecem apoiar propostas de lei que garantam igualdades específicas e tangíveis (tais como a não-discriminação por orientação sexual), mas continuam se opondo a garantias mais simbólicas de tratamento igualitário (tais como *Parceria Civil Registrada* e a adoção de crianças). Desta forma, acreditamos que ao centrar a militância em temas de apelo mais amplo (tais como respeito à diversidade e o direito à cidadania) o movimento homossexual tem maiores chances de obter avanços em suas reinvidicações (NUNAN, 2003, p.115).

A Teoria *Queer*

Antes de abordar a Teoria *Queer*, propriamente dita, é necessário entender o significado da expressão em língua inglesa. Uma problemática se faz ao tentar traduzir o termo para o português, já que a sua tradução literal pode soar com um tom homofóbico. Gomes faz uma observação sobre este ponto:

> A expressão *queer*, utilizada como forma de auto-designação – repetindo e reiterando vozes homofóbicas que assinalam a abjeção daquele que é denominado *queer*, mas descontextualizando-as desse universo de enunciação, já que se atribui valores positivos ao termo, transformando-o numa forma orgulhosa de manifestar a *diferença* -, pode ocasionar uma inversão da cadeia de repetição que confere poder a práticas autoritárias precedentes, uma inversão dessa historicidade contitutiva. (Butler, 2002) Algo novo surgiria, então, desse processo, anunciando a irredutibilidade e expressando a incômoda e inassimilável diferença de corpos e almas que teimam em se fazer *presentes*. (GOMES, 2006) (grifo do autor).

Fundados nos anos 80, os movimentos políticos *queer*, originário nos Estados Unidos, rompe com parâmetros de alguns movimentos LGBTT, numa oposição de crítica aos estudos sobre minorias sexuais. Os estudos são provenientes do encontro entre os Estudos Culturais norte-americanos com o pós-estruturalismo francês, e problematizam concepções clássicas de sujeito, identidade, agência e identificação (HALL, Citado por MISKOLCI, 2007).

> Por isso, os primeiros trabalhos dos teóricos queer, influenciados pela obra de Michel Foucault, apontam que esta obrigação foi construída para normatizar as

> relações sexuais. Assim, os pesquisadores e ativistas pretendem desconstruir o argumento de que sexualidade segue um curso natural. "Os estudos queer atacam uma repronarratividade e uma reproideologia, bases de uma heteronormatividade homofóbica, ao naturalizar a associação entre heterossexualidade e reprodução" (Lopes, 2002, p.24) (Citado por COLLING, 2007).

A heteronormatividade pode ser classificada, nesse contexto, como um conjunto de normas e regulação de controle, ultrapassando a barreira do relacionamento com pessoas do mesmo sexo. A relação ativo/passivo na qual se orienta a visão hegemônica da heterossexualidade, acaba por definir e delimitar papeis sociais, como o ativo sendo a figura provedora do lar, enquanto o passivo é aquele que tem uma posição inferior, o subordinado. A teoria *queer* vem justamente criticar essa imposição propiciada pela heteronormatividade, esse enquadramento de todas as relações que se organiza de acordo com o modelo de um casal heterossexual (COLLING, 2007).

> Curioso é que os actuais movimentos radicais, ou *queer*, são acusados frequentemente de condenar as opções pessoais das pessoas LGBT "integradas" ou com modos de vida relativamente "normalizados", quando na verdade estão a fazer uma crítica cultural, e não a dirigir um julgamento sobre vidas particulares (...) Na verdade, num contexto LGBT que se hetero-normaliza, são as identidades ainda incapazes de integração, vidas concretas, que são excluídas, marginalizadas e criticadas pela "maioria da minoria". E um movimento político não pode fingir não o ver, sob o risco de não se dirigir a tod@s nem ser fundado na solidariedade (MAIA et al., 2009).

As diferenças entre a Teoria *Queer* e o que defende o movimento gay se dar com maior ênfase na tentativa do segundo grupo ativista tentar demonstrar que os homossexuais não são uma anomalia na sociedade, ou seja, são tão normais quanto os heteros e devem desfrutar dos mesmos direitos. Os teóricos *queer* vão de encontra a tal concepção, uma vez que, adotam uma postura de não assimilação e acabam se opondo aos objetivos inclusivos do movimento por direitos humanos gays dominantes (COLLING, 2007).

> Um cuidado conceitual a tomar é o de não associar diretamente o gay ao *queer*. "Ser gay é ter uma simples identidade; ser *queer* é entrar e celebrar o espaço lúdico de uma indeterminação textual" (Morton, 2002, p. 121). Apesar do rigor conceitual, a teoria *queer* pretende mais é provocar o estranhamento nas próprias formas de pensar, inclusive as acadêmicas e, talvez por isso, este texto seja muito pouco ou na *queer*. Como diz Ed Coheh (apud Morton, 2002, p. 118), o slogan dos teóricos *queer* deveria ser: "fodemos com categorias" (COLLING, 2007).

O artigo em questão tem ênfase, justamente, nessa diferenciação entre os parâmetros dos Movimentos LGBTT e no que propõe os teóricos *queer*, situando-as no decorrer da primeira temporada do seriado *Queer as Folk*. Contudo, antes de partirmos para tal ponto,

se faz necessária uma explicação sobre como vem sendo construída a imagem do homossexual na mídia, uma vez que, o objeto de estudo do artigo é um programa televisivo.

O Homossexual na Mídia

A representação dos homossexuais vem ganhando cada vez mais espaço na mídia. Porém, como nem sempre qualidade anda junto com quantidade, as imagens apresentadas no mais diversos tipos de programas midiáticos não estão livres de uma abordagem estereotipada.

Nos Estados Unidos, tido como um programa de alta audiência pelas massas, os seriados abordam a temática sob diversos ângulos interpretativos. *Will & Grace*, um líder de audiência no gênero da comédia, traz como um dos protagonistas um personagem bem sucedido, que se encaixa nos padrões da heteronormatividade, enquanto que o seu melhor amigo é um efeminado que participa das cenas mais engraçadas da série. Já a *The L Word*, aborda os dilemas vividos por um grupo de lésbicas. As protagonistas também podem se equiparar com um casal hetero, uma vez que são casadas há sete anos, e nos primeiros episódios da série planejam uma maternidade.

Já no Brasil, país em que a televisão é o meio de comunicação de maior impacto na população, e as telenovelas têm um papel importante na cultura nacional, uma breve análise sobre a forma de representação do homossexual nesse contexto ajuda no entendimento das visões criadas pela exibição. Não muito diferente da cobertura internacional, o homossexual também é estereotipado sobre duas formas: o homossexual efeminado e aquele que se encaixa nos padrões da heteronormatividade, onde quase não é abordada a sua orientação sexual ou não é assumida perante os demais.

Como exemplo, será citado uma teledramaturgia para cada representação. A novela Caras e Bocas, de Walcyr Carrasco, trouxe o personagem afeminado Cássio (Marco Pigossi), dono do bordão de grande sucesso “choquei, perua!”, que teve uma relação heterossexual durante boa parte do desenrolar da trama, e depois se apaixonou pelo André (Ricardo Duque), com quem teve um “final feliz”, seguindo a linha de abordagem da emissora Globo, sem nenhum beijo na boca ou cena mais quente, fazia parte do núcleo de comédia da novela. Dentro dos padrões da heteronormatividade, o casal lésbico da novela Senhora do Destino, da mesma emissora, Aguinaldo Silva abordou o tema com as personagens Leonora (Mylla Christie) e Jenifer (Bárbara Borges). Durante o decorrer da

novela as duas trocaram várias carícias, sem nenhum beijo, e começaram um processo de adoção, o que as aproximou ainda mais de uma concepção heterossexual de casal.

> Em suma, apesar de a homossexualidade ainda ser freqüentemente tratada na televisão brasileira de maneira estereotipada ou excessivamente cuidadosa (atenuando a realidade gay, para não "chocar" os telespectadores), as iniciativas de determinados autores para dar maior visibilidade aos homossexuais não deve ser menosprezada, sobretudo se levarmos em conta a ampla difusão que as novelas têm em nossa sociedade (NUNAN, 2003, p.102).

O Seriado e a Análise – A Primeira Temporada

Para análise do material foi adotada uma abordagem metodológica mista resultante da interação entre procedimentos da análise de conteúdo com técnicas de análise do discurso (linha francesa), segundo Herscovitz, visando desvendar os mecanismos e processos decisórios de inclusão e exclusão de informações e pontos de vista que caracterizam a produção audiovisual. A escolha de se fazer um recorte com a primeira temporada se deu por esta ser a de maior duração e por conter uma maior variação de temáticas pertinentes ao tema estudado.

A primeira temporada do seriado *Queer as Folk* tem a duração de 22 episódios. Logo no primeiro capítulo, além de serem apresentados os cinco personagens protagonistas da trama (Brian, Michael, Ted, Emmet e Justin), já aborda duas questões pertinentes que cercam várias polêmicas em torno dos homossexuais e que vão ser pontos centrais no desenrolar dos fatos: o momento da primeira relação (homo)sexual de Justin, e o nascimento de um bebê por meio de inseminação artificial, ambas envolvendo Brian, um publicitário bem sucedido, que não mantém um relacionamento fixo com ninguém. Na primeira situação, ele é o parceiro sexual experiente do, até então menor de idade, Justin; já na segunda, ele doa seus espermas para um casal de amigas lésbicas, que já moram juntas há bastante tempo, Lindsay e Melanie.

Justin é um dos personagens centrais no decorrer da primeira temporada. Depois da sua relação com sexual com Brian, acaba se apaixonando perdidamente pelo publicitário, fato que o leva a freqüentar locais homossexuais com assiduidade e acaba prejudicando seu rendimento no colégio. A sua mãe, Jenifer, percebe algumas mudanças no comportamento do filho e acaba descobrindo a sua orientação sexual, de início recusa a verdade, porém depois passa a aceitar o filho tal qual ele é. Já a situação com seu pai é bem diferente, não compreendo que o seu primogênito não seja hetero, o expulsa de casa. Desabrigado, o

jovem encontra abrigo na casa de Debbie, mãe de Michael, que trabalha numa lanchonete que se localiza num gueto homossexual, ela aceita e apóia o filho e seus amigos.

Sendo Justin estudante do ensino médio, sofre bastante com o *bullying* proveniente dos seus colegas de classe e dos professores. Articula a formação de um movimento que luta pela liberdade da diversidade sexual na escola, porém é impedido pelo diretor que não permite tal procedência. Mediante tal situação, a visão abordada no seriado sobre a temática do preconceito vivido pelos jovens gays nas escolas pode ser enquadrada pelo viés dos Movimentos LGBTT, uma vez que, mostra a tentativa de luta por igualdade e por direitos humanos, independente da orientação sexual.

O nascimento de Gus, que veio ao mundo por meio de inseminação artificial, onde Brian doou seu esperma para Lindsay, que tem um relacionamento fixo com Melanie, fecundar pode ser abordado tanto pela vertente da Teoria *Queer* quanto pelo lado da luta de direito homossexuais, que é uma característica dos movimentos gays. Brian, nessa temática, como não quer ter nenhuma ligação com o bebê, rompe com os padrões heteronormativos de família-padrão, formada por um pai e uma mãe, característica defendida pelos teóricos *queer*. Já o casal de lésbicas, que durante a primeira temporada luta ter na certidão de nascimento da criança o nome das duas como mães, reforça mais uma vez a luta por direitos homossexuais, que é um ponto forte defendido pelos Movimentos.

No decorrer de mais alguns episódios, nota-se a tentativa dos personagens de Michael, que trabalha numa rede de supermercados, e de Ted, que é um contabilista, em esconder dos seus demais colegas de profissão a sua orientação sexual, já que ambos sustentam uma falsa identidade heterossexual, só assumindo que são gays à noite, quando freqüentam uma boate exclusivamente homossexual, a Babylon. A tentativa de se aproximarem mais dos padrões heteronormativos faz com que tais personagens sejam enquadrados nos moldes do Movimento LGBTT. Já Emmet, é o personagem efeminado do grupo, cheio de trejeitos que o caracterizam e criam uma veia cômica ao personagem, ele trabalha numa loja de roupas masculinas e é assumidamente gay, possui características que são exemplificadas pelos teóricos *queer*.

A temática sobre a AIDS também é abordada na primeira temporada do seriado. Vic, o tio de Michael, é um HIV positivo que tem uma vida social reclusa na companhia da sua irmã, Debbie. Não possui nenhum relacionamento ou vínculo afetivo amoroso, não trabalha, e sobrevive sendo sustentado pelos familiares. A vitimização e a passividade do personagem, ao olhar para além desse contexto, são um retrato comum das vítimas de tal

enfermidade, que por conta do medo da rejeição e do preconceito, acabam vivendo reclusas em casa. O movimento LGBTT luta pela inclusão social de tais pessoas e contra o preconceito que ainda existe.

Considerações Finais

O artigo buscou analisar as principais temáticas abordadas no seriado *Queer as Folk*, enquadrando-as nos parâmetros do Movimento LGBTT brasileiro e nas teorias da corrente *Queer*. Notou-se que ela permeia entre as duas vertentes, mostrando situações que, dependendo dos personagens envolvidos, só existe uma tênue linha de separação. Diante da apresentação de tal análise ficou perceptível a importância do seriado mediante a representação dos homossexuais, na televisão, ao estimular o respeito às diferenças, sem recorrer aos estereótipos, além de abordar a diversidade de idéias existentes no próprio meio.

Contudo, para afirmar se a série assume uma posição de defesa, perante os temas do universo homossexual que aborda, é necessário um maior estudo, que englobe todas as cinco temporadas, que será desenvolvido em um trabalho posterior. É necessário ressaltar a importância da série para que tais assuntos possam ser divulgados e debatidos em uma plataforma de grande acesso pelas massas.

Referências Bibliográficas

COLLING, Leandro. **Personagens Homossexuais nas Telenovelas da Rede Globo: Criminosos, Afetados e Heterosseexualizados**. Revista Gênero, volume 8. 2007. p. 207 a 222.

FRY, Peter e MACRAE, Edward. **O que é Homossexualidade.** São Paulo. Editora Brasiliense, 1985.

GOMES, Pedro Paulo Pereira. **A Teoria *Queer* e a *Reinvenção* do Corpo**. 2006.

MAIA, Bruno; LOURO, Patrícia; VITORINO, Sérgio. **Testemunho *Queer, ou a Crítica da "Política do Possível"***. 2009. Disponível em: http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aeq/n20/n20a12.pdf

MISKOLCI, Richard. **A Teoria *Queer* e a Questão das Diferenças: Por Uma Analítica da Normalização.** 2007. Disponível em: http://www.alb.com.br/anais16/prog_pdf/prog03_01.pdf

MISKOLCI, Richard. **A Teoria *Queer* e a Sociologia: O Desafio de uma Analítica da Normalização.** Porto Alegre. 2009. p. 150-182.

NUCCI, Marina Fisher e MELO, Ana Paula Lopes de; CARVALHO, Marcos Castro. **Conjugalidades Homossexuais nos Seriados Televisivos *Queer as Folk* e *The L Word*: Onde Gênero e Sexualidade se Cruzam.** Rio de Janeiro. 2008.

NUNAN, Adriana. **Homossexualidade: Do Preconceito aos Padrões de Consumo.** Rio de Janeiro. Editora Caravansarai, 2003.

ZANFORLIN, Sofia. **Espaço e Mediações: Análises do Seriado Televisivo Os Assumidos (*Queer as Folk*)**. Trabalho apresentado no XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Porto Alegre, 2004.